

DEUS E A GUERRA

Paulo Pozzebon - IFAN

Desde há muito tempo, Deus tem sido convocado em quase todas as guerras, em geral para endossar decisões de lutar, poucas vezes para patrocinar a paz. “Deus o quer!”, bradava o papa Urbano II, ao convocar a 1ª Cruzada. “Deus é grande”, bradavam os califas, ansiosos para expandir o Islã. Os conflitos entre católicos e protestantes da Irlanda do Norte, a guerra étnico-religiosa na Bósnia e na Sérvia, o conflito palestino-israelense, as perseguições de muçulmanos aos cristãos da Indonésia e a mútua intolerância entre hinduístas e muçulmanos na Índia indicam como esses conflitos são disseminados e tendem a se perpetuar, sempre acompanhados do pretexto religioso.

Em geral esses conflitos têm causas econômicas e políticas; noutras vezes são movidos por interesses de minorias ou governos. O medo inconfessável do outro e de suas incômodas diferenças culturais, bem como a recusa de compartilhar recursos naturais ou econômicos, tornam constante a intolerância e conveniente o uso das inevitáveis diferenças religiosas para justificar o desejo de afastar, ou mesmo eliminar, seres humanos.

1. O principal e o secundário

As religiões nascem quando algumas pessoas descobrem um caminho propício para encontrar-se com o sagrado, isto é, para experimentar um contato real e pessoal com Deus, experiência esta que transforma e dá novos significados à vida de quem dela participa. Todos os seres humanos, mais cedo ou mais tarde, de um modo ou de outro, anseiam por esse encontro, que é o centro e a finalidade de todas as religiões e para o qual todas elas convergem.

As religiões divergem crescentemente quanto aos costumes e às normas, que vão se formando em torno da busca do encontro com Deus. Destinados inicialmente a facilitá-lo, aos poucos estas normas e estes costumes, que regem culto, alimentação, vestuário, arte e vida privada, vão tornando-se uma camada espessa e opaca, que chega mesmo a ocultar

os muitos caminhos para Deus, bem como confundir e frustrar quem O busca.

Quando isso ocorre, torna-se fácil e corriqueiro apresentar estas normas e esses costumes como sagrados, cujo cumprimento é o caminho único e indispensável para encontrar-se com Deus. Desta maneira, muitos interesses e guerras foram apresentados aos povos como “vontade de Deus”. Apresentar o secundário (costumes e normas) como se fosse indispensável à busca do principal (o encontro pessoal com Deus) é manipulação que confere poder a falsos profetas e inescrupulosos governantes.

2. Nenhuma guerra é santa

Não há guerras que possam justificar-se pela vontade de Deus. Em primeiro lugar, porque a guerra é conflito tipicamente humano, que desbordou dos canais políticos, isto é, das formas dialogais e pacíficas de solucionar dissensões. Sua motivação freqüentemente é a vingança, seu efeito mais duradouro é o ódio. As piores formas de convivência humana não podem ser atribuídas a Deus, devem ser imputadas aos próprios homens.

Em segundo lugar, nenhuma guerra é santa, pois a busca do Absolutamente Outro não pode justificar a eliminação daqueles que são apenas parcialmente outros. A busca daquele que transcende toda experiência humana implica ultrapassagem do egoísmo e da auto-suficiência tipicamente humanos e não a sua maximização, pelo desaparecimento do outro.

Finalmente, não se pode eliminar a vida em nome do Criador da vida. Considera-se indevidamente um deus quem acha que tem o direito de eliminar parte da Criação.

Nestes dias de ira, cabe lembrar o caminho de Francisco de Assis. Diante da sacralização dos costumes e instituições de seu tempo, escolheu ser pobre, para que nada o desviasse da busca de Deus. Diante daqueles que viam na guerra um ato religioso, arriscou a própria vida nas Cruzadas, tentando obter a paz pelo diálogo.

“Não se pode eliminar a vida em nome do Criador da vida.”

Para continuar e aprofundar:

Nas locadoras pode-se encontrar *Francesco*, de Liliana Cavani (1989); no IFAN deve-se procurar o inigualável *Pobre de Deus*, de Nikos Kazantzakis (Ed. Paz e Terra, 1961).